

GRAVIDEZ TARDIA

- E se rezássemos?

Pedro mergulhou profundamente no mar verde dos olhos de Luiza. Trinta anos de casados e antes disso, quatro de namoro. Trinta e quatro anos juntos e continuava apaixonado como no primeiro dia. Será que era isso o que narravam os finais dos contos de fada? Felizes para sempre? Exceto pelas lágrimas que escorriam agora daqueles lindos olhos verdes. “Faço tudo o que você quiser!” teve vontade de responder. Contudo, de sua boca saíram apenas as palavras tristes:

- Rezar para o quê? Você rezou tanto...

- Você não percebe? Adiantou! Demorou, mas minhas preces foram atendidas!

- Depois de vinte anos? Não é um milagre! É um castigo...

Vinte anos. Luiza fez todo tipo de tratamento para engravidar. Algumas vezes aconteceu, mas um aborto espontâneo sempre punha um término em suas ilusões. Chegou um momento em que desistiram. Pensaram adotar uma criança, mas findaram por dar mais crédito às próprias carreiras. Mestrado, doutorado, pós-doutorado. Sempre juntos. Lecionavam na mesma universidade. Publicaram livros através das mesmas editoras. Chegaram mesmo a escrever um ensaio científico juntos.

Por uma dessas incríveis coincidências do destino, eram ambos filhos únicos. Seus pais morreram com o passar das tentativas de prosseguir suas gerações. Pedro já havia se conformado com a certeza de ser o último de sua linhagem. E daí? Vivera os melhores trinta anos que alguém poderia viver. Por causa dela, é verdade.

Luíza deixou mais uma lágrima escorrer pelo queixo. Outra, teimosa, saltou direto da face para as costas da mão esquerda, pousada no colo. A gota abrilhantou a pele rosada, salpicada por pequenas manchas de senilidade. Não era justo. Tantos anos

tentando engravidar sem sucesso. Os abortos espontâneos e a tristeza de não conseguir dar um filho ao homem que amava tão profundamente. Vinte anos tentando e nada. Justo agora, depois de ter desistido havia tanto tempo, por que engravidar justo agora?

- Uma gravidez de altíssimo risco. – Dissera a médica.

- Não me importo! Eu quero gerar essa criança! – Soluçou insistente.

- Amor, estamos ambos com quase sessenta anos! Essa criança ficará órfã antes de completar a maioridade. – Alisou carinhosamente as mãos enrugadas e lindas da esposa – Não temos irmãos, nenhum parente. Nosso filho vai ser criado em um orfanato. Não seremos nós que o criaremos.

- Podemos fazer vídeos ensinando tudo!

Pedro sorriu com a ideia.

- Doze vídeos para cada anos de vida... gosto da ideia. Se for um menino, eu poderia fazer um vídeo só para ensiná-lo a fazer a barba...

Luiza sorriu:

- Se for menina, eu faço vídeos ensinando a fazer tranças no cabelo...

- Não pode faltar um vídeo sobre como amarrar os cadarços!

- E outro sobre meninos... – O sorriso de Luiza foi murchando. – Quero que me prometa uma coisa: se eu morrer no parto, você vai casar de novo.

Apertou ainda mais suas mãos:

- Prometa!

- Não posso. Se você morrer, eu morro de tristeza. Você não pode morrer.

- Se eu morrer, prometa que vai viver para cuidar do nosso bebê. É meu último pedido.

Pedro concordou apenas para tirá-la daquela tristeza em que mergulhava.

- Está bem. Eu prometo. Vou viver e criar nosso filho.

Luiza sorriu tristemente:

- Mentiroso.

Abraçaram-se ternamente. Luiza afundou sua cabeça no peito do marido e ouviu seu coração bater acelerado. Ele tinha razão. Aquele filho deveria ter chegado vinte anos atrás. Agora estavam velhos. Na melhor das hipóteses, tinham ainda dez anos de vida com certa qualidade. Em março próximo ele faria cinquenta e nove anos de idade e, dois meses depois, ela completaria a mesma idade. Nunca foram dados a uma vida desregrada, mas também não eram exemplos de condição física. Eram apaixonados por vinhos e charutos. Gostavam de sentar na varanda da casa, vendo o sol se pôr, degustando algumas garrafas de vinho e charutos. Não eram dados a outras extravagâncias, mas também não eram fãs de exercícios físicos. Pedro começava a apresentar sintomas de artrites e ela própria tomava remédios para controlar a pressão. A médica também dissera que o risco de morrer no parto era enorme. Não tinha a menor dúvida de que Pedro morreria de tristeza pouco depois dela e o filho que tanto desejaram seria criado por estranhos, em um orfanato.

Afastou-se ligeiramente do marido e olhou-o nos olhos:

- Você tem razão. Seria muita maldade colocar uma criança no mundo para ficar órfã cedo.

- Não é verdade! – exclamou – Quem disse que nós viveremos apenas mais dez anos? Tanta gente chega aos oitenta, noventa. Por que não nós?

- Quando esse bebê nascer teremos sessenta anos. Quantos anos mais teremos?

- Trinta! Por que não? – Pedro insistiu.

- E quantos desses trinta anos serão de lucidez? E se tivermos Alzheimer ou outra doença degenerativa?

- Qual a diferença desse pensamento para quando tínhamos trinta anos? E se você engravidasse naquela época e morrêssemos em um acidente de carro após o bebê nascer? Seria a mesma coisa. Vamos ter esse bebê sim, querida.

- Não! – Ela parecia convencida – Assim que amanhecer vou ligar para a médica e dizer que decidi fazer o aborto.

- Por favor! Não faça isso. Você vai correr o mesmo risco e eu não suportaria viver sem você.

- Ahá! – Ela sorriu – viu como você estava mentindo?

Ele sorriu e a abraçou novamente.

Estavam sentados sobre o tapete persa que compraram na Turquia quando fizeram a última viagem de férias. Ambos apaixonaram-se de imediato pela estampa quando o viram aberto no mercado. Um cavalo negro correndo sobre as areias do deserto, a crina longa esvoaçando sob o céu azul escuro e limpo, salpicado de estrelas. Atrás dela, a televisão ligada em pausa do filme que ele assistia quando ela chegou do médico com o resultado dos exames. Quem diria que os enjoos e tonteiças eram de uma gravidez? O papel com o resultado aberto ainda encontrava-se sobre a mesinha de mogno em que ele deixara quando começaram a discutir se deveriam ou não levar a gravidez adiante.

Levantou-se e puxou-a delicadamente, conduzindo-a para o sofá. Sentou-se e conduziu carinhosamente a cabeça dela para seu colo. Passaram longos minutos em silêncio. Ele alisava seus cabelos e ela abraçava seus joelhos.

Ela sentou-se abruptamente:

- E se rezássemos pedindo uma solução? – Insistiu.

- Nós nunca fomos muito religiosos. E eu perdi boa parte da minha fé vendo você rezar todas as noites, pedindo para engravidar.

- E aconteceu! É um milagre...

- Com vinte anos de atraso? Isso não é milagre. É castigo!

- E se for exatamente essa a vontade de Deus, que atravessemos tudo isso com fé?

- E nosso filho? O que pode desejar uma criança que ainda não nasceu? Ele, ou ela, é que vai ter que conviver com nossa decisão.

- Não quer mais ter o bebê? – Luiza parecia confusa.

- Não sei. Tenho tanto medo...

- Eu sei, amor. Eu também tenho medo.

Luiza desceu do sofá, ajoelhou-se diante do esposo e segurou suas mãos:

- Vem, ajoelha aqui comigo. Apenas me acompanha em uma oração. Não fale nada. Só me faça companhia.

Pedro obedeceu e ajoelhou-se diante da esposa sobre o tapete. Seu joelho direito encaixou-se exatamente sobre a cabeça do corcel negro. Tentou acompanhar as palavras da esposa. Eram palavras de dor e dúvidas. As mesmas que o corroíam por dentro. Queria, mais que tudo no mundo, viver cada dia ao lado da mulher que amava. Queria vê-la sorrindo, dar seu último suspiro ao lado dela. Um filho já fora importante para ambos, mas não era mais. Agora só o que importava era ficarem juntos. Mas aquela gravidez poderia levá-la à morte. O risco era enorme e não via motivo para se arriscarem daquele jeito. E quem iria cuidar da criança? Mas as palavras dela eram tão fervorosas. Tão profundas...

A voz doce de Luiza encheu seu coração de tristeza e dor. Cada palavra proferida pela esposa evidenciava uma profunda e dolorida mágoa com aquele Deus sádico que se comprazia com o sofrimento humano. Contudo ela agradecia. Agradecia a benção de terem gerado uma criança, cujo coração agora pulsava vivo em seu ventre,

cujo futuro vislumbrava-se incerto. Provavelmente a criança jamais conheceria seus pais. Se era esta Sua vontade, que ela prevalecesse, então; mas se não fosse, era preciso dar-lhes um sinal, uma ajuda, a prova definitiva de que viveriam o suficiente para dar todo o amor e carinho que o filho precisaria. Lutou contra o sono, mas ele veio. Não soube precisar o momento em que adormeceu, sequer poderia dizer quem dormiu primeiro, se ele ou ela.

Luiza acordou e olhou o rosto do marido dormindo voltado para ela. Deviam ter adormecido juntos, ali mesmo no chão do cômodo que fazia as vezes de quarto e sala. Alisou o rosto que tanto amava e ele abriu os olhos e sorriu.

- Oi.

- Bom dia. – Ela sorriu de volta.

- Parece que dormimos no chão.

- Estamos velhos, meu velho.

- É verdade.

- Engraçado... estou com uma estranha sensação de que estávamos discutindo algo importante antes de adormecer.

Pedro ergueu-se do chão frio e viu o resultado dos exames no chão, ao lado de onde estava e o pegou.

- Mulher! Isso é um resultado de exame de gravidez?

- É sim! É isso! Estou grávida!

- Aos cinquenta e oito anos?

- E daí? Antes tarde do que nunca!

- Vou pedir ao encarregado para pegar mais horas extras na obra, fazer um puxadinho aqui que vai ser o quarto do bebê – apontou para o canto ao lado da porta que dava para a pequena área de serviço, onde ficava o tanque de roupas.

- Vou combinar com as vizinhas um chá de bebê.

Pedro sorriu, mostrando a dentadura desgastada:

- Difícil vai ser o pessoal acreditar que você ficou grávida.

- Que se danem todos! Vou ter meu filho e ninguém vai me impedir.

- Prometo que vou trabalhar dobrado e dar a essa criança tudo o que ela precisar,
até ela fazer trinta anos.

- Prometa que ele vai estudar muito.

- Vai ser um doutor! Eu prometo...